

Viola da Terra – símbolo da cultura na Emigração Açoriana

Viola da Terra (typical classical guitar) – symbol of culture in Azorean Emigration

Andreia do Rosário Brasil Lemos¹

Resumo: A emigração açoriana teve início nos séculos XV e XVI e, nas suas diferentes fases e fluxos migratórios, contribuiu para a diáspora açoriana com especial relevância no continente americano. Pelos emigrantes açorianos vimos divulgada uma identidade cultural marcada pelo isolamento e pela saudade mediante comemorações festivas, manifestações culturais e cultos religiosos.

Este artigo atribui especial atenção à *viola da terra* enquanto símbolo da identidade cultural açoriana no quadro da emigração da região. Este instrumento musical revela nas suas características a simbologia associada à emigração, desde a partida das populações até à chegada no país de acolhimento. Esboça sentimentos que carregam a alma de um povo marcado pela açorianidade e tudo o que implica ser-se ilhéu. É, por isso, um símbolo distinto que, de forma muito completa, inclui, preserva e difunde a história das suas gentes.

Palavras-chave: identidade; cultura açoriana; emigração; *viola da terra*; Açores

Abstract: Azorean emigration began in the fifteenth and sixteenth centuries and, in its different stages and migratory flows, contributed to the Azorean diáspora with special relevance in the American continent. For the Azorean emigrants we have spread a cultural identity marked by isolation and saudade through festive celebrations, cultural demonstrations and religious cults.

This article gives special attention to the *viola da terra* as a symbol of the Azorean cultural identity in the emigration of the region. This musical instrument reveals in its characteristics the symbology associated with emigration, from the departure of the populations to the arrival in the host country. It sketches feelings that carry the soul of a people marked by açorianidade and all that implies being an island. It is, therefore, a distinct symbol that in a very complete way includes, preserves and diffuses the history of its people.

Keywords: identity; Azorean cultural; emigration; *viola da terra*; Azores

Enquadramento da emigração açoriana

As dinâmicas físicas e sociais de locais circunscritos territorialmente distinguem-se, em múltiplos aspetos, das dinâmicas que se evidenciam em espaços com características antagónicas. A insularidade como objeto de investigação envolve um estudo da identidade da população, bem como de aspetos geográficos ao nível da paisagem e da evolução natural e antrópica do seu território com características muito específicas desse espaço e muito diferenciadas de territórios mais vastos. A dimensão espacial das ilhas e o seu isolamento influenciam dinâmicas demográficas e socioeconómicas que ditam ritmos de crescimento e desenvolvimento distintos ao longo do tempo. Numa análise mais objetiva, com especial incidência para o arquipélago dos Açores, estas dinâmicas foram preponderantes e motivadoras para um volume assinalável de emigração, o que marcou a história do arquipélago em vários ciclos migratórios.

Localizado no seio do Atlântico, o arquipélago dos Açores testemunha a história das suas gentes ao longo de seis séculos marcados pela insularidade, pelo isolamento e pelo (des)povoamento. A localização geográfica destas ilhas; o distanciamento físico em relação ao espaço continental ao qual pertence; as intensas crises agrícolas associadas à reduzida produtividade devido à escassez de recursos e à vulnerabilidade às catástrofes naturais; o comércio débil e muito limitado ao mercado local; o elevado custo das exportações e importações e as limitações ao nível da oferta de trabalho impulsionaram em muitos momentos da história açoriana movimentos migratórios da população, especialmente das camadas mais jovens em idade ativa.

A emigração açoriana está presente neste arquipélago desde o seu povoamento, na medida em que foram necessários vários movimentos migratórios para a fixação de população nestas ilhas, considera-se, por isso, que estes movimentos remontem aos séculos XV e XVI, tendo-se afirmado sobretudo durante o século XVII.

O facto deste arquipélago ser constituído por três grupos de ilhas, juntamente com a sua localização no meio do Atlântico, permitiu que se realizassem distintos fluxos migratórios, que King definiu como “uma hierarquia escalar”²: as migrações no interior de cada ilha – como as que se verificaram de algumas freguesias mais inóspitas da ilha de São Miguel para o centro da cidade de Ponta Delgada –, ou as que se registavam das grandes altitudes de algumas ilhas dos Açores rumo às fajãs nos invernos rigorosos – movimento muito presente na ilha de São Jorge. Refiram-se ainda as migrações inter-ilhas, especialmente das mais pequenas para as maiores, como de Santa Maria para São Miguel, além das migrações para o continente.

No que concerne às migrações para outros países, importa reter algumas particularidades: a) no caso dos portugueses residentes no continente, assumiram um carácter maioritariamente intracontinental; b) para os açorianos sobressai, por um lado, um carácter intercontinental e, mais especificamente, têm especial incidência em países como o Brasil, Estados Unidos da América e Canadá, e em menor escala para as Bermudas e o Havai.

A posição geográfica das ilhas facilitou, pois, a emigração para o continente americano. Situado no “eixo de navegação” entre a América e a Europa³, a população emigrante saiu do arquipélago em condições pouco apropriadas ou dignas para os nevagantes.

A realidade socioeconómica débil de boa parte dos açorianos levou a uma busca generalizada de melhores condições de vida, traduzindo-se em movimentos populacionais assinaláveis que cruzaram o Atlântico ao longo de épocas sucessivas.

2 KING, 2010: 39.

3 SILVA, 2002: 347.

Seguindo uma ordem cronológica dos acontecimentos da emigração açoriana, verifica-se que o primeiro destino foi o Brasil. Com efeito, só no século XVIII recebeu cerca de seis mil emigrantes açorianos⁴, numa época em que a Europa também assistia ao movimento de população em massa.

Os motivos económicos, a pobreza, uma agricultura rudimentar e subsistente e as fracas condições de vida da população (caracterizada pela ausência de bens essenciais e pela falta de infraestruturas) incentivavam a saída das ilhas para este país da América do Sul que, mantinha ligações com Portugal, facilitando a imigração portuguesa como entrada de mão-de-obra masculina. Mais tarde, no século XIX, a emigração açoriana para este destino destaca-se pela emigração do casal. “O fluxo imigratório para o Espírito Santo iniciou-se em 1812 com a criação oficial da Colónia de Santo Agostinho (atual município de Viana) para onde foram enviados 250 açorianos entre os anos 1812 e 1814”⁵.

Os Estados Unidos da América foram um país com um papel preponderante no quadro da emigração açoriana pelos distintos fluxos que se registaram, de modo constante, ao longo do tempo. Este país acolheu emigrantes das ilhas em duas fases: meados do século XVIII e durante o século XIX. Nesta segunda fase, regista-se um forte ciclo migratório clandestino, relacionado com os navios americanos de caça à baleia que angariavam mão-de-obra açoriana aquando do seu abastecimento nas ilhas. Com efeito, os açorianos embarcavam em navios, sendo que neles permaneciam durante meses ou anos até saldarem a suas dívidas da viagem.

Estas façanhas eram conhecidas também pelo “salto”⁶ que ficou caracterizado em muitas obras açorianas como o escape às dificuldades vivenciadas na ilha. Nestes contos é revelada a audácia e determinação destes emigrantes bem como as agonias vividas a bordo até alcançarem o seu destino do “sonho americano”.

Devido a esta atividade económica, na segunda metade do século XIX, afirmam-se focos populacionais portugueses na costa americana, como no estado da Califórnia, próximo dos portos baleeiros – New Bedford, Fall River, San Francisco, Monterey, San Diego – como afirma Eduardo Dias⁷.

Na verdade, o quadro socioeconómico dos Açores não registou melhorias substanciais desde a primeira vaga de emigração para o Brasil. Aliás, em alguns casos, esses problemas agravaram-se inclusivamente. Uma situação dramática muito singular da ilha de São Miguel e que retrata a precariedade da população de um estrato social mais baixo, prende-se com a concentração da posse das propriedades nas mãos daqueles que detinham elevado poder económico e que aplicavam rendas elevadas sobre os terrenos explorados pelos pequenos agricultores fustigados por uma agricultura tradicional, com maus anos agrícolas, pragas ou com fracas recursos de produção e baixos salários⁸.

Este tipo de cenário contribuiu para cimentar, ainda mais, a intenção de emigrar, marcando, por conseguinte, um novo fluxo migratório eminente.

O terceiro destino da emigração açoriana, também em meados do século XIX, destacou-se por ser muito representativo da população micalense e foram as Bermudas - um local com algumas semelhanças com o ponto de origem, nomeadamente a questão da insularidade.

4 Museu de Emigração Açoriana.

5 PASSAMANI, 2011.

6 CABRAL, 2010.

7 DIAS, 1982:13.

8 SILVA, 2002.

As motivações destes movimentos migratórios continuam a ser marcadamente económicas. No entanto, esta vaga assumiu um carácter mais temporário, até porque os contratos de trabalho tinham uma duração média de dois anos, o que se traduziu (também) no impulsionamento de uma nova vaga de emigração.

O Havai, ainda no mesmo século, é um destino assinalável no mapa dos fluxos migratórios do arquipélago açoriano, recebendo vários imigrantes motivados pela crise económica e comercial que persistia na região dos Açores. Para alguns autores o Havai é considerado inclusivamente como se tratando de um fenómeno distinto. Na verdade, tratar-se-á de um ciclo à margem das restantes vagas migratórias, sobretudo porque contempla uma restrita duração temporal, derivada de uma migração estimulada pela mão-de-obra masculina na plantação da cana do açúcar neste arquipélago⁹.

O destino mais recente da população açoriana, no mapa dos principais fluxos migratórios, teve inícios em meados do século XX para a América do Norte, nomeadamente para o Canadá, aquando da procura de mão-de-obra para o trabalho nas explorações agrícolas e na construção de linhas férreas¹⁰.

Igualmente nesta época, os Estados Unidos da América voltam a receber um volume significativo de emigrantes. Esta emigração em massa é, nesta fase, um pouco mais facilitada pelos parentes, através das ditas “cartas de chamada”¹¹ ou amigos que já se encontram estabelecidos naqueles países de destino. Assim, o papel dos estabelecidos foi fundamental não só porque são eles os recetores desta nova vaga de emigrantes, como também são eles os agentes integradores dos recém-chegados na comunidade e no país de acolhimento.

Nestes dois países, os emigrantes açorianos partilham, em especial, aspetos comuns: a causa da emigração, o saudosismo e o apego à terra natal, as crenças e tradições, o local de residência e até a atividade laboral em que se empregam. Talvez por tudo isto seja lícito afirmar-se que é possível identificar num determinado território contínuo pequenas ilhas, formadas por estas comunidades que, apesar da fuga da insularidade, desenvolvem o seu quotidiano numa “ilha” com gentes e traços comuns à sua terra natal.

Sobre estes destinos Susana Silva “desenha” um mapa de fluxos emigratórios que obedece ao grupo de ilhas e à sua distribuição pelo arquipélago:

das ilhas mais orientais a corrente emigratória encaminhava-se para o Brasil, verdadeiro El Dorado dos povos ilhéus, ao passo que das ilhas mais a ocidente se dirigiam com maior preponderância para os EUA, havendo também alguns contingentes que, a par dos madeirenses, partiam para as ilhas de Sandwich, designação dada ao arquipélago de Havai¹².

Estes fluxos migratórios marcaram de forma decisiva o crescimento natural das ilhas dos Açores ao longo das décadas: a) ora com fortes declínios, associados à emigração por parte do elemento masculino do agregado familiar¹³ (que sendo uma migração de longa duração conduziu a uma quebra nas taxas de natalidade especialmente antes de 1930)¹⁴; b) ora com um acentuado rejuvenescimento populacional característico da

9 SILVA, 2002.

10 TEIXEIRA, 2003: 23.

11 ROCHA ; FERREIRA; MENDES, 2011.

12 SILVA, 2002: 351.

13 Quando ocorriam este tipo de emigrações “mulher apresentava-se, desta forma, como uma viúva com marido vivo, perdido em terras desconhecidas. O luto na alma é expresso, exteriormente, através da roupa preta, símbolo da distância que separará, durante muito tempo, os membros da família” (CABRAL, 2010: 303).

14 ROCHA, 2010.

década de 1950, onde se verificou uma estagnação nos fluxos migratórios açorianos, com exceção dos anos findos desta época em que assistimos à permissão de entrada e permanência de açorianos nos Estados Unidos da América resultante da calamidade sentida aquando da erupção do vulcão dos Capelinhos, na ilha do Faial¹⁵. O projeto-lei *Azorean Refugee Act* promulgado pelo presidente norte-americano, Dwight Eisenhower, a 2 de setembro de 1958, constituiu-se como uma janela de oportunidade para a emigração de alguns faialenses que viram nesta intempérie o abandono dos campos agrícolas pouco produtivos e a chance de uma vida melhor num país mais desenvolvido do que o de origem. Na época foi autorizada a emissão de cerca de 1500 vistos para esta população¹⁶.

Também nesta época, os Açores encararam a emigração ilegal para os EUA e para o Canadá como sendo a única solução para a fuga ao cumprimento do serviço militar obrigatório com a iminência de partirem para a Guerra Colonial.

Como já aqui foi referido, foram vários os motivos que impeliram a saída da população açoriana deste arquipélago em fases distintas. Se por um lado, poderemos assistir a um estímulo causado pelas próprias condições naturais adversas, por outro lado, não poderemos descorar a fragilidade da economia, aliados a uma falta de perspetivas de melhoria, a uma pobreza quase extrema e a um isolamento incontornável. Na prática, todos eles afunilavam a possibilidade de tempos mais auspiciosos.

No fim do século XX, estes fluxos caracterizaram-se sobretudo pelo caráter familiar. Não obstante não ter sido um processo imediato, a família reagrupava-se no país de acolhimento, assim que fossem criadas condições para receber todo o agregado familiar.

Pela sua intensidade em diferentes momentos da história, a emigração açoriana consagrou-se, também, enquanto mote para o desenvolvimento de alguma literatura açoriana nesta temática. Com efeito, esta tipologia ilustra, em intensas narrativas, todo o percurso dos açorianos: desde as suas expectativas; a partida rumo às terras de grande riqueza; os condicionalismos das viagens; a chegada ao país de destino e com ela o esfumar do brilho de prosperidade tão ansiado embutido em sentimentos de incerteza e de saudade da terra natal; e o regresso tão esperado, tão diferente¹⁷.

O emigrante que regressa mais tarde à sua ilha de origem evoluiu com o próprio tempo em que esteve emigrado. Nesta figura existe agora o que Mónica Cabral apelidou de maior “complexidade e humanização” – uma personagem que se sente dividida entre a ilha de origem e o país de acolhimento. Este desenraizamento da terra natal e o apego ao território que o acolheu revelam, por um lado, o processo de aculturação que ocorreu ao longo da sua adaptação e, por outro lado, a transformação paisagística e da própria dinâmica das ilhas, portanto da sua terra natal, que tem revertido, nos últimos anos, numa melhoria da qualidade de vida da sua população. Este sentimento surge parafraseado em expressões como “O meu Portugal é aqui, pois, também lhe digo, aquele que eles lá têm agora não é o em que me criei”¹⁸.

O drama do sentimento de divisão justifica-se pela terra natal emocional e a terra de acolhimento de carácter financeiro. Concomitante com a euforia do regresso, alicerçada no saudosismo da terra, surge em antítese a deceção pelo desencontro e ausência de pessoas ou elementos fundamentais do seu registo de memórias e emoções aquando da partida.

15 ROCHA, FERREIRA ; MENDES, 2011.

16 MARCOS, 2008: 43

17 CABRAL, 2010.

18 ALMEIDA, 1983, cit. por CABRAL, 2010: 346.

Da população mais jovem ou idade ativa que regressava aos Açores, Gilberta Rocha e Eduardo Ferreira (2010) referem que a sua ocupação é nas mesmas atividades ou muito semelhantes às exercidas antes da emigração, pelo que creem que é “diminuto o impacte desse retorno ao nível do tecido social e económico dos locais de regresso”¹⁹.

No geral, esta população que regressa é caracterizada pelo seu envelhecimento e baixas qualificações. Assim, ainda que se verifiquem transformações nas esferas social, demográfica e económica, estes contributos são, em bom rigor, bastante diminutos.

Das gerações mais novas – descendentes destes movimentos migratórios (filhos de emigrantes) e que também contribuem para esta diáspora –, são poucos os que revelam intenção de regressar aos Açores. Com efeito, esta questão prende-se com o distanciamento geográfico mas também com a reduzida frequência com que visitam as ilhas, não permitindo, portanto, o desenvolvimento de laços afetivos com a terra natal dos seus ascendentes inviabilizando assim um regresso às origens.

Destes fluxos migratórios resultaram aspetos muito positivos e fundamentais no ponto de vista económico para o desenvolvimento da região. A título de exemplo, note-se que numa época em que o crescimento populacional não garantia as necessidades mais básicas à população e em que a pobreza em geral se acentuava, a emigração resolveu parte desse entrave socioeconómico, nomeadamente pela redução de quantitativos populacionais²⁰. Por outro lado, o envio de remessas (por parte da população emigrante a amigos e familiares) permitiu uma melhoria dessas condições de vida da população, inicialmente a uma escala local: ao nível familiar e ao nível da freguesia.

No fim do século XX os Açores encaram uma forte imigração associada ao sismo de 80 – que afetou ilhas como o Pico, Faial, São Jorge e Terceira – ou o abalo de 1998, que fustigou o Faial, Pico e São Jorge. Esta catástrofe traz população oriunda de Cabo Verde, Angola e Ucrânia e mais recentemente do Brasil que vê nestas ilhas uma oportunidade de emprego. No entanto, após o processo de reconstrução estes imigrantes voltam a iniciar o seu sistema de migração e procuram ilhas com uma economia mais sólida que lhes permite a fixação²¹.

Atualmente os fluxos migratórios açorianos assumem uma faceta muito distinta dos séculos passados, quer em termos de volume, quer em termos de destinos. É certo que ainda nos dias de hoje se verificam migrações para o norte da América. Contudo, é marcado por um “progressivo estrangulamento [...] que deverá ser lido, antes de mais, no contexto, cada vez mais atual, das políticas imigratórias que privilegiam o acolhimento de migrantes detentores de algum grau de qualificação”²².

Paralelamente, assiste-se a um grande fluxo migratório que ganhou dimensão nas últimas décadas, nomeadamente ao nível das migrações internas derivadas da deslocação de estudantes para as universidades. É interessante analisar testemunhos desta população jovem que, não obstante permaneça no mesmo país, retrata nos seus testemunhos o sentimento de “açorianidade” nomeadamente – e seguindo a linha Vitorino Nemésio – quando encaram o espaço continental como se tratasse de um espaço externo e longínquo²³.

19 ROCHA; FERREIRA, 2010: 115.

20 ROCHA, 2010.

21 ROCHA; FERREIRA, 2010.

22 ROCHA; FERREIRA; MENDES, 2011: 60.

23 A açorianidade é um termo que “exprime a condição histórica, geográfica, social e humana do ser açoriano. Foi criado por Vitorino Nemésio, que o teve decalcado de hispanidad (Miguel de Unamuno) e que usou pela primeira vez num artigo publicado na Revista *Insula* (Ponta Delgada, 1932, n.º 8). Intitulado «Açorianidade», o artigo tece considerações sobre o viver das ilhas, num tom de crónica carregada de saudade pelo afastamento do autor em relação à sua ilha natal (ilha Terceira). Aos 30 anos, sem qualquer intenção reivindicativa ou política, apenas por um sentimento de saudade

O retorno desta população jovem é muito diminuto, devido à reduzida oferta de emprego na região, fomentado pelo fraco dinamismo económico que se faz sentir em algumas ilhas deste arquipélago. Em última análise, contribui para o recalçamento do envelhecimento demográfico desta região.

Após a implementação do regime autonómico, as condicionantes que outrora impeliam a emigração açoriana, têm-se esbatido com os esforços políticos no desenvolvimento desta região. Apesar de este progresso ser visível (sobretudo) no setor económico-laboral, a verdade é que estes avanços não têm sido suficientemente eficazes para a fixação das camadas mais jovens. A dispersão geográfica destas ilhas e os ritmos de crescimento e desenvolvimento muito díspares apontam realidades específicas de cada ilha que no conjunto do arquipélago destacam entraves de ordem social demográfica e económica.

A viola da terra na emigração da identidade cultural açoriana

A simbologia da emigração como forma de contrariar o isolamento nas palavras de Vitorino Nemésio é muito diferente do isolamento sentido em territórios continentais. A “solidão de ilha” – como assim designa – induz uma terra isolada, marcadamente limitada pelo mar e que, de forma ambivalente, tanto assume uma posição castradora como de liberdade.

A identidade cultural dos Açores extravasa os limites físicos do arquipélago, sendo que para esse facto em muito terá contribuído certamente a emigração açoriana para o continente americano. A diáspora açoriana revela uma identidade que já não depende somente dos Açores enquanto território, mas de toda a população daqui originária, agora presente em todo o hemisfério ocidental e que, ao longo dos ciclos migratórios, foi dinamizando uma cultura muito própria e tão específica. Como nos recorda Silva, trata-se de uma “subcultura local” pois mesmo “na descontinuidade geográfica das nossas nove ilhas, não existe uma cultura regional, mas várias subculturas locais com traços comuns e diferenças assinaláveis”²⁴.

Aquilo que muitos açorianos ignoravam tratar-se de cultura foi demarcado em tradições, costumes e hábitos, através de vivências que se foram preservando com o tempo e reiterando em novos espaços e contextos. Algumas destas tradições permaneceram bem vincadas nas práticas culturais açorianas nos diversos países de acolhimento, como se pode constatar, ainda nos dias de hoje, nas efusivas comemorações/festividades que mereceram atenção, lugar e momento próprio nestes lugares de chegada.

Estas manifestações podem ser vistas como uma tentativa de evitar a rutura provocada pela emigração, manter o sentimento de pertença em relação ao local de origem e preservar conhecimentos que envolvem as tradições e a religião. A religião assume um papel importante no quadro das emigrações açorianas como elemento crucial e muito presente nas manifestações culturais. “Edificou a solidariedade que une os emigrantes e os ajudou a adaptarem-se a um novo ambiente estranho e hostil”²⁵. Ela surge também nos momentos mais difíceis no cenário da emigração, com especial ênfase para o início destes movimentos migratórios – aquando da emigração clandestina nos navios baleeiros –, no sentido de justificar o sofrimento sentido na partida e durante a viagem numa perspetiva punitiva pela ambição, avareza pela incessante busca da riqueza dos

e «desterro», criava Nemésio o conceito e o termo açorianidade, alma do ser-se açoriano, que emerge em quase toda a sua obra de poeta e de romancista e contista. Alargado, este conceito não só exprime a qualidade e a alma do ser-se açoriano, dentro ou fora (principalmente fora) dos Açores, mas o conjunto de condicionantes do viver arquipelágico: a sua geografia (que «vale tanto como a história»), o seu vulcanismo, as suas limitações económicas, a sua dispersão humana e a sua idiossincrasia, os seus falares típicos, enfim, tudo o que contribui para conferir identidade” (PIRES, 1995).

24 SILVA, 2010: 133.

25 SILVA, 2010: 359.

emigrantes. Está também presente na chegada dos emigrantes ao país de acolhimento, principalmente perante as dificuldades de enraizamento numa nova cultura, na procura de trabalho e em toda a adaptação que requer este tipo de movimento²⁶.

Se analisarmos com atenção a identidade cultural emigrante constatamos que a integração dos emigrantes no local de chegada facilita o processo de aculturação. Como tal, verifica-se, em alguns casos, a perda de alguma identidade cultural à medida que se adquirem novos conhecimentos, hábitos, rotinas e se aprende uma nova língua. A preservação deste vínculo à terra natal é uma forma de muitos emigrantes manterem uma ligação afetiva ou raízes com o local de origem. Estas manifestações culturais são, no fundo, a representação aproximada de um costume ou tradição que ainda se pratica na saudosa origem e delas fazem parte os cultos religiosos, as filarmónicas, os folclores, entre outros.

É com base nestas experiências emigratórias dos açorianos e do “transporte” da sua identidade cultural que surge um testemunho físico e muito específico desta extraordinária história de vida: a *viola da terra* – a terra açoriana.

Dos vários fluxos migratórios das gentes dos Açores ficou imortalizado, na *viola da terra*, os vários costumes, as crenças, os sentimentos e as emoções mais cristalinas que os emigrantes partilhavam: a açorianidade na forma descrita por Vitorino Nemésio, com ênfase para saudade, mesmo antes de partirem.

Pensa-se que este instrumento chegou a Portugal por intermédio das civilizações árabes, que trouxeram para a Península Ibérica uma série de instrumentos musicais (dos quais cordofones) e que na sua evolução deram origem às violas. Os diferentes cordofones conhecidos na região remontam aos séculos XV e XVI, nomeadamente aquando do povoamento das ilhas por portugueses oriundos do continente. Antes de ser conhecida como *viola da terra*, já era conhecida a *viola* nos Açores no século XV, como nos é relatado por Gaspar Frutuoso em *Saudades da Terra*²⁷. Este instrumento assumia um grande valor patrimonial. A título exemplificativo veja-se que “a mais antiga referência a este instrumento aparece em um documento de venda de terreno datado de 1479, em que o proprietário em troca recebe quatro carneiros e uma *viola*”²⁸.

A *viola da terra* é uma evolução conhecida das primeiras violas que chegaram ao arquipélago ainda que os seus traços não tenham resultado de alterações muito significativas em relação às primeiras. Cada região portuguesa adotou traços específicos neste instrumento, particularizando-o com características muito próprias da sua cultura ou vivências. A *viola da terra* assemelha-se à *viola toeira* (ou de Coimbra) e apresenta traços comuns à *viola* de Cabo Verde e à *amarantina*²⁹.

Também conhecida como *viola de arame* ou de dois corações, este cordofone apresenta características gerais comuns a todas as ilhas do arquipélago³⁰. Com o tempo adquiriu algumas especificidades de cada ilha, especialmente ao nível das afinações³¹.

26 CABRAL, 2010.

27 Gaspar Frutuoso foi um historiado, filósofo, e literato açoriano de origem micalense (1522-1591). Autor de *Saudades da Terra*, é considerado o “pai” da história açoriana pelo inigualável contributo literário que enquadra as ilhas açorianas no Atlântico insular, enaltecendo os Açores e as suas gentes. Estudou na Universidade de Salamanca entre 1553 e 1558, obtendo o grau de bacharel em Artes e em Teologia neste último ano. Obteve igualmente o grau de doutor, embora se desconheça onde obteve esse grau.

28 NASCIMENTO, 2012: 19.

29 NASCIMENTO, 2012.

30 ALMEIDA, 2010.

31 NASCIMENTO, 2012.

Nos registos literários é possível comprovar a presença da viola nos momentos mais assinaláveis da vida dos açorianos especialmente nos períodos migratórios de finais do século XIX. De facto, era o instrumento que permitia que ao longo da viagem, nas embarcações, ocorressem despiques ou simples melodias características dos lugares (ilhas) recentemente abandonados:

rapazes e raparigas desafiavam-se mutuamente, a viola fere os sons mais arrojados, rasgados, crusam-se ditos alegres, começam muitas vezes allí amôres, que depois, em terra vão ter variados epílogos, casamentos ou abandonos, isto tudo em quanto a barca vae fendendo o oceano, deixando um rasto de refervente espuma³².

Este instrumento encontrava-se – e ainda se encontra nos dias de hoje – em diferentes contextos socioculturais do povo açoriano: nos *balhos*³³, nas cantigas ao desafio e nos despiques ou nas desgarradas e nos momentos de pausa do trabalho, por meio de divagações emotivas pautadas em canções. Estava presente em festas religiosas e profanas desempenhando uma função social e lúdica que marcava a interrupção do árduo trabalho do camponês. Estava enraizada na vida social da população e tinha um papel preponderante na sociedade açoriana pela relevância de património que lhe era consagrado, como incluir-se nas trocas comerciais ou fazer parte do dote de casamento do noivo. No próprio quotidiano da população era notória a estima por este instrumento, tendo inclusivamente um lugar específico na casa: durante o dia era exposta em cima da cama como um adereço que ornamentava o espaço. Também se acreditava que o aconchego da cama mantinha a viola em boas condições físicas (diminuída a sua exposição à humidade) o que lhe conferia uma melhor afinação.

Este instrumento é um dos grandes testemunhos da identidade açoriana. Em todo este instrumento encontramos uma forte simbologia das vivências, emoções e ambições do povo açoriano. Ícones que contam uma história secular de quem viveu nas ilhas e de quem encontrou na emigração uma oportunidade para uma vida melhor.

32 "No mar". 1885: 143.

33 Entenda-se "bailes" acompanhados por instrumentos de corda.

Na *viola da terra* (Figura n.º 1) podemos encontrar diferentes símbolos que testemunham, ou que se podem associar, à emigração açoriana. Todos os elementos que a constituem além do seu propósito em termos técnicos, afinação e acústica, representam a identidade açoriana. Os dois corações (1) representam a forma mais precisa da emigração açoriana: o coração que parte e o coração que fica. Note-se a forma como estão apresentados na viola: dois corações encostados mas com o vértice voltado em sentidos opostos – a personificação da pessoa que parte e a que fica, os laços familiares e o (des)apego da terra natal, o filho, o marido que parte ou o casal – como também se verificou em algumas fases desta emigração – que sai da ilha na incerteza de retornar, na dúvida de partir ou de ficar. Este representa para muitos o último contacto entre os que partiam e os que ficavam e a intensidade com que se sentia a separação permanente e iminente.

Em muitos relatos esta partida era sinónimo de um luto (como já fora aqui referido). O filho que partia, se deixava a viola, este instrumento ficava guardado e só voltaria a ser novamente tocado aquando do seu regresso.

Figura n.º 1 – Viola da Terra de dois corações



Fotografia de Rafael Carvalho. Legenda: 1 – Dois corações; 2 – Lágrima; 3 – Cordão umbilical/ Coroa do Espírito Santo; 4 – Açor; 5 – Flor-de-lis.

Não podendo o velho manter mais tanta alegria a estoirar-lhe o peito, entrou em casa despendurou a viola do prego do canto ao lado do relógio, sacudiu-lhe o pó e as teias de aranha, mandou que fosse comprar cordas novinhas – e, como ele ressuscitava, ali ressuscitou a viola antiga, que parecia morta desde que o filho dera o salto. E de olhos em brasa, rasgava estridente a chamarrita [...]. Era o filho deles que viera da América e naquela noite se casava!³⁴.

A nostalgia e o sofrimento da partida traduzem-se em comportamentos fúnebres, pois também eles simbolizavam a perda de um ente querido e assim é até ao seu regresso.

A lágrima (2) é outro símbolo que constitui a viola da terra e que assume uma característica ambivalente: a lágrima que representa a dor da partida e da saudade e/ou a representação do ouro – alusivo ao às de ouros dos jogos de cartas – também esta atividade lúdica muito presente nos serões e momentos de descanso e de sociabilidade entre a população, até mesmo durante a viagem dos emigrantes:

os homens jogam às cartas, fumam ou conversam ruidosamente, e alguns tocadores de violas, filhos de São Miguel que n'essa prenda tem notável fama, entretem o auditório com animados descantes, acompanhados soberbamente, e nos quaes a musa popular exuberante de sentimento e vida traduz em rudes cantigas e poemas de infinda saudade, bem como as mais delicadas vibrações de coração humano³⁵.

A presença da lágrima da saudade na viola da terra alude ao momento da partida na despedida da família e da terra natal. O sentimento é de tal ordem marcante que, na literatura, é muitas vezes associado à morte perante a partida e tudo o que fica para trás. É também visível durante a viagem, especialmente na incerteza de vingar os seus objetivos ou deste ser o rumo certo e, com maior ênfase, na chegada ao país de acolhimento. Este sentimento ganha vigor quando se verifica um choque cultural (no emigrante recém-chegado) entre uma sociedade modernizada com padrões, ritmos e estilos de vida muito díspares do enlaço social proveniente. Neste caso, o “sonho de enriquecer é, gradualmente, substituído pela nostalgia da ilha perdida, que se assume como uma voz interior”³⁶. É um sentimento que, com o passar do tempo, se esbate. Este enfraquecimento é derivado, em parte, do inevitável processo de aculturação e, por outro lado, pelo desenvolvimento de mecanismos que o aproximam das vivências açorianas. Tal como refere Bianco e Huse “os homens de origem rural traduzem a sua saudade da terra em práticas sociais associadas ao seu passado de trabalho não-industrial [...], dedicam-se ao plantio de hortas ao fazer do vinho e à criação de aves e animais”³⁷.

A busca da fortuna enfatizada pelo símbolo do ouro na *viola da terra* aponta para as motivações económicas da emigração açoriana: a utopia americana, o sonho e a busca da fortuna, a fuga ao cenário de pobreza e fraco desenvolvimento económico que assolou as ilhas dos Açores em diferentes períodos históricos.

Entre o símbolo da lágrima ou ouro e os dois corações surge um outro ícone da identidade açoriana de carácter também ambivalente: (3) o cordão umbilical e/ou a Coroa do Espírito Santo. Este sugere a união dos dois corações pelo cordão umbilical – a família, terminando na lágrima da saudade. É visível pela análise deste conjunto iconográfico a importância dos laços familiares e a ligação à terra natal em que a rutura só é suportável pela necessidade de emigrar. Simultaneamente, o mesmo símbolo na viola (vista ao contrário, com a cravelhas para baixo) afirma-se como alegoria de temática religiosa: a Coroa do Espírito Santo.

34 MELO, 2003: 116.

35 “No mar”, 1885: 143.

36 CABRAL, 2010: 320.

37 BIANCO; HUSE, 1995: 109-110.

Desde muito cedo que se conhece a devoção dos açorianos ao culto religioso, em especial pelo Divino Espírito Santo, um pouco embutido pelo apelo a uma força maior no decorrer das intempéries, crises sísmicas e vulcanológicas tão características desta região. Como tal, a religião, que marca de forma notória esta civilização e está muito presente em diferentes manifestações, merece também um lugar de destaque neste instrumento testemunhando a devoção do povo açoriano.

O cavalete em relevo (4) suporta nas suas extremidades de forma esculpura a fisionomia do açor (ave que terá originado o nome a este arquipélago) definindo uma vez mais a especificidade da origem açoriana deste cordofone.

Na base da viola são frequentes dois símbolos que obedecem ao gosto do construtor ou do tocador. Embutidos no seu tampo pode surgir um adorno que faz lembrar a flor-de-lis, com representação dos elementos da natureza como as plantas consideradas como uma dádiva da natureza e/ou a representação das espigas de trigo que estavam na base da alimentação deste povo. Outro traçado comum neste instrumento, em substituição do anterior, é a forma de uma lira, com duas serpentes voltadas para fora. Sobre este segundo símbolo não são conhecidos registos da sua intenção, pelo que sugere ser uma alternativa ao anterior em apelo à música e à sua importância.

Figura n.º 2



"Os Emigrantes", óleo s/tela, 1926. Fonte: Museu Carlos Machado.

Toda esta analogia da *viola da terra* à emigração açoriana é complementada pelo quadro de Domingos Rebelo³⁸, *Os Emigrantes* (Figura n.º 2). Não seria possível estudar ou falar da emigração açoriana sem fazer referência à obra deste pintor e aos elementos que nela presenciam “a fala de um povo, cujo referente está bem presente e envolvente na dinâmica própria do viver ilhéu”³⁹.

Nesta obra podemos constatar a presença da viola que marca a identidade desta cultura. Simultaneamente ressalta-nos os olhar para elementos teatrais das personagens no ato da despedida e o olhar sobre o horizonte que confronta a tristeza do adeus com o desejo de regresso. Trata-se de uma figura que se perpetua numa “poesia da saudade”⁴⁰, um retrato da verdadeira alma micalense na sua antiga cidade e num porto carregado da simbologia da cultura açoriana, a *viola da terra* que acompanha o emigrante e levará nas suas canções dedilhadas a alma de um povo, “a viola que o embala nos acordes dolentes e alegres das festas, dos arraiais, das melodias que cantam a saudade em belas metáforas que, por si só, desvelam o indizível do ser”⁴¹; a presença da arquitetura local traça o último espaço físico visto ou lembrado pelo emigrante na sua terra natal e a particularidade enfática das Portas da Cidade, um ícone de Ponta Delgada alusivo à partida e à chegada, neste caso ao desejo de partir e ao anseio de um dia regressar; o quadro do Senhor Santo Cristo destacando a presença mais uma vez da religiosidade açoriana e a sua devoção a acompanhá-la nesta viagem; os baús com os seus pertences a servirem de apoio ou consolo a um corpo que se despedaça interiormente e se divide entre o mundo que deixa para trás e o que, desconhecido, tem pela frente; o saco de retalhos feito com farrapos tecidos pelo tempo e pela privação; a cesta de vimes com laranjas – fruto da terra, que mereceu destaque pela importância que teve no quadro das exportações da região antes de 1830, “a laranja era particularmente apreciada pela Inglaterra”⁴² –; e a expressão das personagens que Castro caracteriza como “parecem-nos pessoas humildes, pacientes, ordeiras, cordiais e aparentemente pacatas”⁴³, mas que, simultaneamente, revelam audácia e coragem quando a lava impele o medo ou o chão abala o seu corpo. Neste quadro, o “movimento” das personagens e a própria indumentária, que de forma simples vestem a sua gente numa calma inquieta, inebriada pelo sentimento da partida, refletem a intenção da emigração.

A *viola da terra* surgia também associada ao retorno destes emigrantes, por vezes numa perspetiva menos favorável da sua condição. Diniz da Luz retrata na obra, “O dia mais feliz do tio Moisés”, esta versão do emigrante que não obteve o sucesso ambicionado aquando da sua emigração. Apontadas como as causas deste fracasso: a incapacidade de se adaptar ao país de acolhimento, as saudades da terra natal, a falta de sorte, entre outras razões, que motivam à sua exclusão social por parte da população do meio onde vive no momento que regressa à ilha. Deste infortúnio surgem também alguns escárnios que se desenrolam em forma de cantiga: “Tio Moisés, tio Moisés/ Foi à América no convés. / Trouxe a viola sem cordas/ E meias botas nos pés”⁴⁴.

38 Domingos Rebelo nasceu em 1891 em Ponta Delgada. Desde cedo demonstrou interesse pela arte da pintura e desenho. Frequentou a Escola de Artes e Ofícios Velho Cabral, prosseguindo estudos em Paris. Em 1913 regressa aos Açores dedicando-se às artes e à docência. Mais tarde, em 1942, estabeleceu-se em Lisboa, local onde faleceu em 1975. Ficou conhecido pelo seu conservadorismo e regionalismo dedicado aos hábitos e costumes açorianos. Pela sua arte foi um dos promotores da identidade açoriana que vem a ser consagrada mais tarde na voz de Vítorino Nemésio pela açorianidade. A pintura *Os Emigrantes* é a obra mais conhecida do autor. Carregada de simbologia da cultura açoriana, esta obra emblemática, contempla as tradições e sentimentos vividos num dos maiores marcos da história açoriana: a emigração.

39 CASTRO, 2010: 48

40 SILVA, 2012.

41 CASTRO, 2010: 49.

42 COSTA, 2013: 39.

43 CASTRO, 2010: 49.

44 CABRAL, 2010: 333.

Como é possível constatar, a viola surge como instrumento integrante dos pertences do emigrante que, no seu regresso, deveria estar de acordo com fortuna alcançada. Este cordofone seria um requisito que reconhecia e ostentava a riqueza conquistada e esperada pela população de origem.

Em jeito de síntese, a forma como o emigrante se veste, bem como os artefactos, utensílios e instrumentos que manuseia dita, em boa medida, o eventual sucesso alcançado por cada personagem que emigrou. Feita uma análise desses conteúdos apresentados pelo tio Moisés⁴⁵, os mesmos evidenciam um sonho que não foi cumprido.

A divulgação da cultura açoriana nas melodias da *viola da terra*

A diáspora açoriana vinca de forma significativa e quase espontânea a sua identidade cultural. Os traços culturais açorianos que encontramos nas pequenas e grandes comunidades de emigrantes são o testemunho de uma cultura que (sobre)vive e se distingue através das manifestações culturais, dos cultos religiosos ou das festividades profanas. A *viola da terra*, que acompanhou e que ainda acompanha essas manifestações culturais, é bem ilustrativa das várias vivências açorianas, bem como a alma daquele povo em diferentes momentos da sua história.

Com efeito, esta identidade está bem presente nos grupos de folclore e de cantares dos Açores que se encontram espalhados pelo mundo. Aliás, trata-se também de um ato eminentemente racional e voluntário, na medida em que as várias comunidades não só têm preservado tal identidade com manifesto orgulho, como também têm dinamizado e divulgado a sua cultura de origem. “Estas representações são constitutivas da saudade uma construção cultural originada no século XVI que define a identidade (peregrina) portuguesa”⁴⁶.

Atualmente, como forma de dinamizar esta cultura, uma série de entidades na região e no estrangeiro – onde residem comunidades açorianas – promovem eventos associados à literatura, pintura, música e outras artes com o intuito de divulgar a identidade desta cultura insular. Entre os inúmeros agentes envolvidos, contam-se as entidades governamentais/oficiais – como a Direção Regional das Comunidades, as escolas ou municípios –, além de órgãos de comunicação social e da própria diáspora açoriana espalhada por todo o mundo, com especial ênfase para as casas dos Açores. Estas divulgações têm sido materializadas, por exemplo, através da promoção de conferências, colóquios, debates e/ou palestras alusivas à difusão da cultura tradicional açoriana, entre outros.

Em conjunto, ou particularmente, estas entidades trabalham a valorização e preservação do património histórico e cultural do meio local, conforme preconizado nos objetivos da Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial:

a salvaguarda do património cultural imaterial; o respeito pelo património cultural imaterial das comunidades, dos grupos e dos indivíduos; a sensibilização, a nível local, nacional e internacional, para a importância do património cultural imaterial e do seu reconhecimento mútuo; e a cooperação e o auxílio internacionais, no quadro de um mundo cada vez mais globalizado que ameaça uniformizar as culturas aumentando simultaneamente as desigualdades sociais⁴⁷.

45 CABRAL, 2010: 333.

46 FELDMAN-BIANCO; HUSE, 1995: 96.

47 UNESCO, 2003: 3.

O papel das escolas é fundamental no ensino da identidade cultural dos lugares, na medida em que pode proporcionar uma aprendizagem mais significativa para os alunos, nomeadamente quando estes fazem parte integrante do objeto de estudo – a sua própria cultura.

Este ensino, ao mesmo tempo que divulga a cultura açoriana, proporciona situações de contacto direto com aspetos específicos e muito concretos desta cultura. Neste ponto de vista, o Currículo Regional do Ensino Básico (CREB)⁴⁸ propõe que, neste nível de ensino, se desenvolvam competências de índole personalizadora, instrutiva do conhecimento e socializadora. Pretende facilitar, quando oportuno, a realização dessas aprendizagens de forma adaptada à realidade regional, tornando-as mais significativas. O mesmo documento presume o desenvolvimento de dois temas transversais: Educação para o Desenvolvimento Sustentável (EDS) e a Açorianidade "através de uma atitude investigativa e reflexiva, partindo de temáticas que, de certa forma, se relacionam com a vida quotidiana, tendo como objetivo torná-las significativas"⁴⁹.

Torna-se premente alertar as camadas mais jovens para a importância do instrumento musical *viola da terra*, não só porque transporta o legado da cultura açoriana, mas também porque, desta forma, se evita o eventual risco de desaparecimento do instrumento e/ou das suas melodias entrarem em desuso como em tempos já foi presenciado.

Após o surgimento e difusão da rádio verificou-se um decréscimo no interesse por este instrumento musical. Numa época em que a música estava voltada para um consumo em massa, com padrões muito urbanos, assistiu-se a uma rutura entre gerações na participação em atividades relacionadas com a *viola da terra*, bem como um certo abandono desta tradição⁵⁰.

Atualmente verifica-se, nos Açores, o retorno do interesse pela *viola da terra* e, nesse âmbito, presenciamos o desenvolvimento de atividades pedagógicas nas escolas em torno deste instrumento, ao nível quer da sua divulgação como do conhecimento de diferentes sonoridades, simbologia e história. O ensino voltado especificamente para aprendizagem deste instrumento está a ser ministrado nos conservatórios e escolas da região com um vasto reportório que inclui as canções tradicionais das ilhas, enquanto em algumas freguesias ainda se prestigia o ensino que é transmitido por um tocador com alguma experiência nesta arte a alunos das mais variadas idades. Neste último caso, é comum aprender-se várias melodias e modas regionais como a *Chamarrita*, a *Lira*, a *Saudade*, entre outras.

A própria *viola da terra* de hoje em dia assume uma grande versatilidade nos palcos em que é tocada. Seja ao ar livre ou em recintos fechados, em pequenos ou grandes palcos, este instrumento tem vindo a destacar-se nos locais mais prestigiados ao nível do espetáculo da região e, com isso, tem aumentado a sua carga simbólica de identidade cultural açoriana. Mais do que definir uma ilha, este instrumento representa as vivências de uma região que insiste em manter a tradição fiel aos seus contextos culturais.

Apesar disso, nota-se uma evolução da *viola da terra* ao nível da sua sonoridade característica importante e inerente à sua presença nos grandes palcos, sem descuidar as características físicas e estéticas deste cordofone. Nota-se, portanto, uma evolução que traz movimento ao instrumento sem comprometer a legitimidade das suas características originais, sendo que, esta preservação teve especial e relevante contributo dos construtores de *viola da terra* dos Açores.

48 ALONSO et al., 2011.

49 ALONSO et al., 2011: 67.

50 NASCIMENTO, 2012.

Neste sentido, importa, pois, dar continuidade ao trabalho que tem sido desenvolvido em torno da *viola da terra* bem como de outros símbolos identitários da cultura açoriana. Com efeito, espera-se uma promoção e dinamização em diversos quadrantes para que não se percam memórias, vivências e hábitos que se têm vários séculos de perpetuação e que testemunham a própria evolução histórica daquele arquipélago.

Torna-se premente continuar a abordar a cultura açoriana, a sua identidade, o seu desenvolvimento e os acontecimentos que a envolveram, seja através da música, seja por intermédio da pintura ou da literatura. “Falar de identidade açoriana é falar de mar, insulamento, mormaço [...], nostalgia, saudade do futuro, apelo do longe, intensidade telúrica, como ainda hoje cantam, musicam, pintam e escrevem os nosso artistas”⁵¹.

Bibliografia

- ALMEIDA, José Alfredo Ferreira, 2010 – *A viola de arame nos Açores*. Ponta Delgada: Publiçor.
- ALONSO, L. et al. (coord.), 2011 – *Referencial curricular para a educação básica na Região Autónoma dos Açores*. Angra do Heroísmo: Secretaria Regional da Educação e Formação. Disponível em : <http://www.edu.azores.gov.pt/projectos/curregionaledubasica/Documents/Referencial%20CREB%20RAA.pdf>
- BATISTA, José Manuel Dias, 2012 – *Contributos para uma noção de açorianidade literária*. Lisboa: Universidade Aberta, p. 17-31.
- BEDFORD, Richad ; HUGO, Graeme, 2010 – “As Migrações Internacionais num Mar de Ilhas: Desafios e Oportunidades para os Espaços Insulares do Pacífico”, in FONSECA, Maria Lucinda (coord.) – *Atas da Conferência Internacional Aproximando Mundos: Emigração, Imigração e Desenvolvimento em Espaços Insulares*. Lisboa: Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, p. 87-129.
- CABRAL, Mónica Maria Serpa, 2010 – *O conto literário de temática açoriana: a ilha, o mar e a emigração*. Aveiro. Tese de Doutoramento apresentada no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.
- CASTRO, Gabriela, 2010 – “Simbologia da Açorianidade na Pintura de Domingos Rebelo e de Borba Vieira”. *Philosophica*. N.º 36, p. 45-54.
- COSTA, Susana Goulart, 2013 – *Maia Onde o mar brinca com a terra*. Maia: Junta de Freguesia da Maia.
- DIAS, Eduardo Mayone, 1982 – *Açorianos na Califórnia*. Maia: Gráfica Maiadouro.
- Emigração Açoriana, 2015. Disponível em: <<http://www.azores.gov.pt/Portal/pt/entidades/pggrasspredrcomunidades/textoImagem/Emigra%C3%A7ao+A%C3%A7oriana.html>>.
- FELDMAN-BIANCO, Bela; HUSE, Donna, 1995 – “Entre a Saudade da Terra e a América: mulheres imigrante”. *Estudos Feministas*. Vol. 3, n.º 1, p. 96-121.
- KING, R., 2010 – “A geografia, as ilhas e as migrações numa era de mobilidade global”, in *Atas da Conferência Internacional Aproximando Mundos: Emigração, Imigração e Desenvolvimento em Espaços Insulares*. Lisboa: Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, p. 27-62.
- MARCOS, Daniel, 2008 – *A erupção dos capelinho: janela de oportunidade para a Emigração Açoriana*. Angra do Heroísmo: IAC - Instituto Açoriano da Cultura.
- MELO, Dias, 2003 – *Pedras Negras*, 38ª ed. Lisboa: Salamandra.
- Museu de Emigração Açoriana. Disponível em: <<http://museuemigracao.cm-ribeiragrande.pt/portfolio/emigracao-acoriana/>> [consult. 10 de jan. 2017].

- NASCIMENTO, José Wellington, 2012 – *Viola da terra, património e identidade açoriana*. Ponta Delgada. Dissertação de Mestrado em Património, Museologia e Desenvolvimento na Universidade dos Açores.
- NEMÉSIO, Vitorino, 1932 – “Açorianidade”. *Insula*. Ponta Delgada, n.º 8.
- “No mar”. *História Açoriana*. Ponta Delgada, vol. 7, 1885, p. 134-152.
- PASSAMANI, Fabiene, 2011 – “Açorianidade Capixaba”. *A Gazeta*. 15 de jan. Disponível em: <<https://issuu.com/leoquarto/docs/pensar1911>>.
- PIRES, António Machado, 1995 – “Açorianidade”, in *Enciclopédia Açoriana Online*. Disponível em: <<http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/Default.aspx?id=566>> [consult. 12 de jan. 2017].
- ROCHA, Gilberta Pavão Nunes, 2010 – “Migrações, Crescimento e Envelhecimento Demográfico nos Açores”, in *Atas da Conferência Internacional Aproximando Mundos: Emigração, Imigração e Desenvolvimento em Espaços Insulares*. Lisboa: Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, p. 139-154.
- ROCHA, Gilberta Pavão Nunes; FERREIRA, Eduardo, 2010 – “Territórios e dinâmicas migratórias nos Açores”. *Cidades, Comunidades e Territórios*. Lisboa, n.º 20/21, p. 97-110.
- ROCHA, Gilberta Pavão Nunes (coord.); FERREIRA, Eduardo ; MENDES, Derrich, 2011 – *Entre Dois Mundos. Emigração e Regresso aos Açores*. Ponta Delgada : Governo Regional dos Açores/ Direção Regional das Comunidades, p. 47-105.
- RODRIGUES, José Damião – “Gaspar Frutuoso”. *Enciclopédia Açoriana*. Disponível em: <<http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/Default.aspx?id=9828>>.
- SILVA, Alzira, 2010 – “Migrações em Espaços Insulares: Testemunhos Açorianos”, in *Atas da Conferência Internacional Aproximando Mundos: Emigração, Imigração e Desenvolvimento em Espaços Insulares*. Lisboa: Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, p. 131-138.
- SILVA, Susana Serpa, 2002 – “Em busca de novos horizontes Açores, emigração e aculturação nos finais do séc. XIX, inícios do séc. XX”. *Arquipélago – História*. Ponta Delgada, 2.ª s., vol. 6, p. 347-360.
- SILVA, Susana Serpa, 2012 – ““Os Emigrantes” de Domingos Rebelo”. *Açoriano Oriental*. 18 nov. Disponível em: <http://www.cresacor.pt/media/cms_page_media/2016/7/15/38%C2%AA_Publica%C3%A7%C3%A3o.pdf>.
- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), 2003 – *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial*. Paris: UNESCO. Disponível em <<http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>>.
- Museu de Emigração Açoriana. Disponível em: <<http://museuemigracao.cm-ribeiragrande.pt/portfolio/emigracao-acoriana/>> [consult. 10 de jan. 2017].
- TEIXEIRA, José Carlos, 2003 – “A presença Açoriana no Canadá (1953-2003)”, in *50 anos de Emigração Açores – Canadá*. Angra do Heroísmo: Presidência do Governo Regional dos Açores/ Direção Regional das Comunidades, Tipografia Moderna, p. 21-31.
- NEMÉSIO, Vitorino, 1932 – “Açorianidade”. *Insula*. Ponta Delgada, n.º 8.